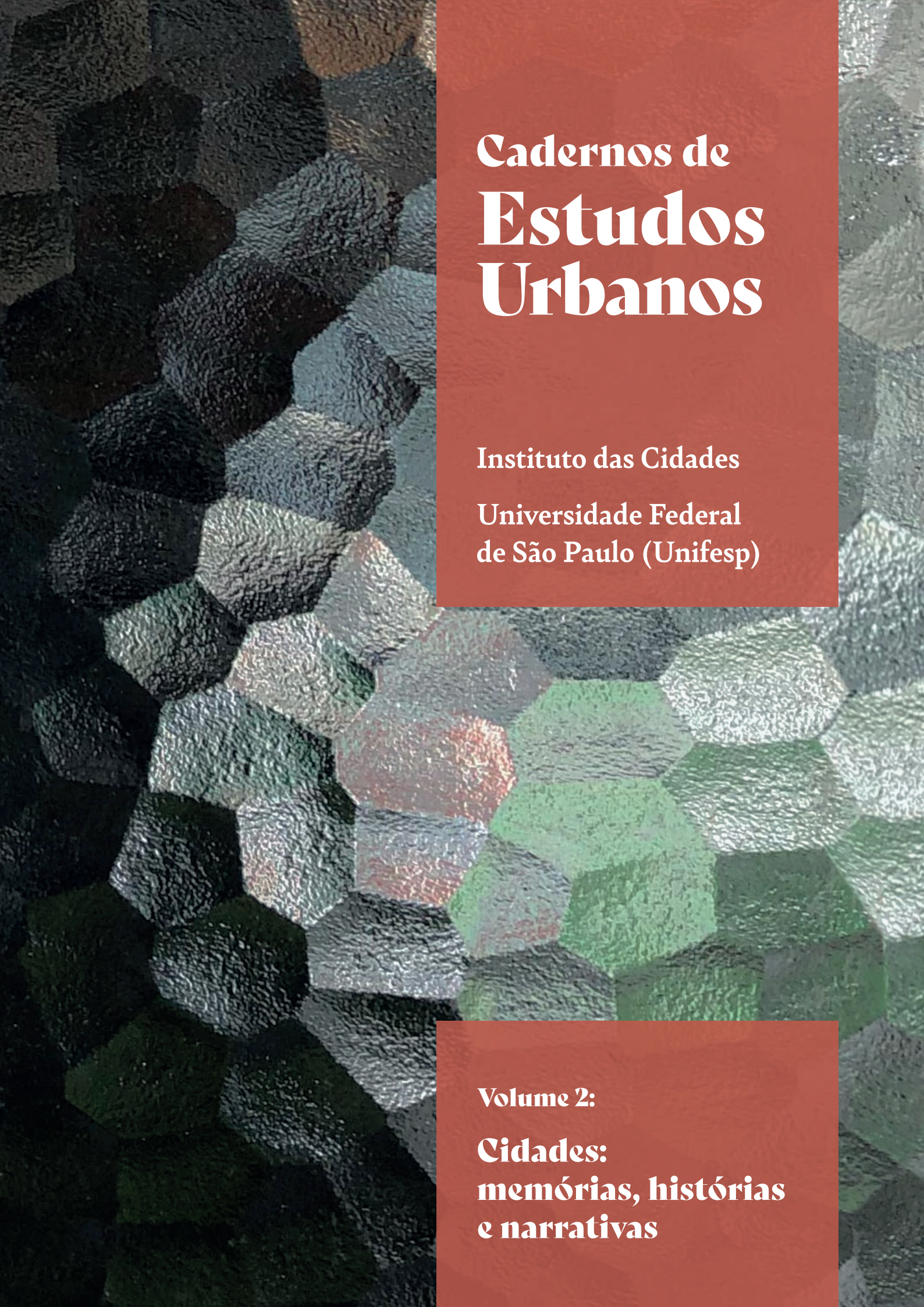




Cadernos de Estudos Urbanos

Instituto das Cidades

Universidade Federal
de São Paulo (Unifesp)

Volume 2:

**Cidades:
memórias, histórias
e narrativas**

Cadernos de Estudos Urbanos

VOLUME 2:

CIDADES: MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E NARRATIVAS

Instituto das Cidades, Universidade Federal de São Paulo

São Paulo, 2022

INSTITUTO DAS CIDADES
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (Unifesp)

EDITORES

Magaly Marques Pulhez (Unifesp)
Ricardo Santhiago (Unifesp)

CONSELHO EDITORIAL

Giovanna Bonilha Milano (Unifesp)
Joana da Silva Barros (Unifesp)
Patrícia Laczynski de Souza (Unifesp)

CONSELHO CIENTÍFICO

Adriana Fernandes (Lanaurb/UERJ)
Alessandro Soares (Cidade, Participação e Educação/GT Educação e ensino - AGB-SP)
Amanda Alves Vilas Boas (Cidade, Participação e Educação/Unifesp)
Anderson Kazuo Nakano (CEP/Unifesp)
Antônio Carlos Malachias (CEP)
Cássia H. G. Silva (Cidade, Participação e Educação/GT Educação e ensino - AGB-SP)
Cleberson Pereira (CEP)
Egeu Esteves (CEP/Unifesp)
Flávia Ulian (Rede Mobilidade Periferias/Fatec-SP)
Gilberto Cunha Franca (Cidade, Participação e Educação/UFSCar)
Glaucia Guimarães Pereira (Rede Mobilidade Periferias)
Graciana de Souza Brune (Cidade, Participação e Educação/GT Educação e ensino - AGB-SP)
Guilherme Moreira Petrella (Transborda/Unifesp)
Harika Maia (CEP)
Ilza de Souza e Silva Santos (Cidade, Participação e Educação/GT Educação e ensino - AGB-SP)
Jorge Luiz Barcellos da Silva (Cidade, Participação e Educação/Unifesp)
Josivete Pereira da Silva (Rede Mobilidade Periferias)
Kelly Alves do Carmo (Rede Mobilidade Periferias)
Lívia Garcia Lima (Lanaurb/Unisal)
Magaly Marques Pulhez (Transborda/Unifesp)
Marcos Antonio de Moraes Xavier (Unifesp)
Marcos Soares (Cidade, Participação e Educação/UFSCar)
Maria Rita de Castro Lopes (Cidade, Participação e Educação/GT Educação e ensino - AGB-SP)
Nataly Ramos (CEP)
Rafael C. Cezzaletti (Cidade, Participação e Educação/GT Educação e ensino - AGB-SP)
Renato Almeida (CEP)
Ricardo Barbosa da Silva (Rede Mobilidade Periferias/Unifesp)
Ricardo Santhiago (Lanaurb/Unifesp)
Sandro Oliveira (CEP)
Sheyla Melo (CEP)
Shisleni Oliveira-Macedo (CEP)
Silvana Maria Zioni (Rede Mobilidade Periferias/UFABC)
Sílvia Lopes Raimundo (Cidade, Participação e Educação/Unifesp)
Tatiana Yamauchi Ashino (Rede Mobilidade Periferias)
Tiaraju Pablo D'Andrea (CEP/Unifesp)
Vitoria Martins Fontes (Cidade, Participação e Educação/Unifesp)
Weber Lopes Góes (CEP)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Cadernos de Estudos Urbanos [recurso eletrônico] / Instituto das Cidades, Universidade Federal de São Paulo. – v. 2 (2022) – São Paulo, SP : Instituto das Cidades, Universidade Federal de São Paulo, 2022.

ISBN 978-65-00-40835-5

Editores: Magaly Marques Pulhez; Ricardo Santhiago

1. Cidades. 2. Urbanismo. 3. Ciência – Estudo e ensino – Pesquisa – Periódicos. I. Pulhez, Magaly Marques II. Santhiago, Ricardo.

CDD 300

O conteúdo e a apresentação dos artigos são de inteira responsabilidade dos autores.
Todos os direitos reservados ao Instituto das Cidades (Unifesp) e autores dos artigos.

Instituto das Cidades – Campus Zona Leste – Unifesp

Avenida Jacu Pêssego, 2630 – Itaquera

CEP: 08260-001 – São Paulo | SP | Brasil

<https://www.unifesp.br/campus/zonaleste/>

SUMÁRIO

Apresentação	5
Cidade, patrimônio e ativismos urbanos: o casarão da Vila Guilherme entre a Memória e o direito à cidade	6
Anderson Vannucci	
Escritas da praia: memórias e sensibilidades em duas cidades litorâneas no Piauí (Parnaíba e Luís Correia, 1930-60)	17
Pedro Vagner Silva Oliveira	
Espaço urbano, processos de patrimonialização e (re) significações	29
Manoel Rodrigues Alves; Paula Marques Braga; Camila Ferreira Guimarães	
Gilberto Freyre e os Guias Práticos, Históricos e Sentimentais das cidades de Recife e Olinda	41
Matan Ankava e Bruno Panno Ribeiro	
História da Disputa: como falar de um patrimônio que não existe?	49
Carolina Oliveira Ressureição	
Identidade Cultural e pertencimento de descendentes quilombolas na Comunidade do Oiteiro - Penedo/AL	55
Eduardo Dantas Ferreira Rodrigues; Fabiana de Oliveira Lima; Daniel Arthur Lisboa de Vasconcelos	
Lugar e memória: análise do impacto socioespacial do deslocamento dos moradores das cidades de Natividade da Serra/SP e Redenção da Serra/SP (1973-1974)	68
Débora Antunes Pereira; Valéria Regina Zanetti; Lidiane Maria Maciel	
Narrativas sobre a urbanização na Amazônia Marajoara: as transformações das paisagem a partir das memórias de moradores de Breves – PA	78
Laurilene Pantoja dos Santos e Eliane Miranda Costa	
O mapa do império em escala um por um: relato de experiência didática em ensino remoto	96
Ana Cecília de Andrade Teixeira e Lidia Quiêto Viana	
Os Arranha-céus e as disputas de um ideal urbano no Rio dos anos 1920	106
Thiago Santos Mathias da Fonseca	
PODER E MEMÓRIA NA NOMEAÇÃO DE LUGARES: estudo de caso em Vitória (ES)	118
Paloma Barcelos Teixeira e Ana Lucy Oliveira Freire	
Um lugar para os mortos: cemitérios na cidade de São Paulo no século XIX	131
Silvia Soler Bianchi e Enrique G. Staschower	

Apresentação

O Instituto das Cidades da Universidade Federal de São Paulo (IC/Unifesp) tem o prazer de apresentar a toda a comunidade de interlocutores os *Cadernos de Estudos Urbanos*, sua primeira publicação institucional, que tem como propósito estabelecer um espaço permanente de interlocução para professores, pesquisadores, estudantes e todos os demais interessados nos diferentes aspectos dos estudos urbanos, em perspectiva interdisciplinar.

Publicados a partir do ano de 2022, os *Cadernos* nascem como consequência natural das atividades de pesquisa que, desde 2018, têm lugar no Instituto das Cidades, cujo objeto complexo e multifacetado faculta e demanda abordagens nas quais contributos de diferentes disciplinas convergem. Esta perspectiva orientou o programa de pesquisa e extensão “Estudos Urbanos e Interdisciplinaridade”, vigente entre 2020 e 2021, e o Seminário Internacional Estudos Urbanos e Interdisciplinaridade, realizado em outubro de 2021.

Esta primeira edição dos *Cadernos* reúne, precisamente, trabalhos apresentados nesse evento, que se estendeu ao longo de uma semana de atividades que incluíram uma mesa plenária com o tema “Cidade e política no Sul global: Diálogos interdisciplinares” e cinco mesas redondas com temáticas variadas: “Enfrentamentos da educação e da cultura: Territórios de resistência e utopia”, “Cidade, memória e passados difíceis”, “Mobilidades desiguais”, “Produção de conhecimento e de projeto político a partir das periferias” e “Acumulação do capital e reprodução da vida: Tensões a partir do espaço”.

Trabalhos apresentados em 38 sessões temáticas completaram a diversificada programação do evento. Uma amostra desses trabalhos está nos primeiros cinco volumes destes *Cadernos*, cujos temas respondem às áreas temáticas às quais as comunicações foram submetidas e nas quais foram apresentadas:

1. Cidade, democracia e educação;
2. Cidades: Memórias, histórias e narrativas;
3. Mobilidade em território das periferias urbanas;
4. Periferias urbanas contemporâneas: complexidades, contradições e lutas;
5. Urbanização Crítica: acumulação, conflito e luta política

A variedade e abundância dos temas pertinentes ao urbano assinalam estes cinco volumes, conjugando-se a abordagens e métodos também múltiplos, expressando a complexidade dessa área de estudos e os diálogos interdisciplinares e multiprofissionais instilados por e a partir dela.

Esperamos que estes primeiros cinco volumes constituam uma abertura para novas trocas de experiências, para a criação de redes de intercâmbio intelectual, e para a afirmação destes *Cadernos* como mais um espaço de publicação voltado a disseminar compreensões sobre as trajetórias históricas e as tendências presentes e futuras atinentes às cidades do Brasil e do mundo.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura!

Os editores

Espaço urbano, processos de patrimonialização e (re) significações

Manoel Rodrigues Alves

IAU-USP

mra@sc.usp.br

Paula Marques Braga

UNISAL

paula.bragamb@gmail.com

Camila Ferreira Guimarães

IAU-USP / UNIUBE

camilafguimaraes@hotmail.com

Resumo

Em momento de implementação de um neoliberalismo revisitado que comanda a (re)produção da cidade, observam-se, em processo caracterizado por uma política de mercantilização da cultura determinada pela lógica de um urbanismo neoliberal de (re)produção do espaço urbano que condiciona a conformação e a configuração do território e da paisagem, processos de patrimonialização em que a desconstituição do caráter de seu significado cultural original se conforma pela redução de seu valor simbólico e desarticulação de seu contexto urbano. Esta comunicação introduz chaves de leitura e procedimentos analíticos de narrativas diferenciadas de processos de (re)produção do espaço urbano patrimonializado, que tem sido um dos focos de trabalho e investigação do Laboratório de Estudos do Ambiente Urbano Contemporâneo (LEAUC). Interrogamos a relação e o papel do patrimônio, objetivando a reflexão sobre a produção do espaço urbano contemporâneo e as relações entre suas espacialidades, territorialidades e sociabilidades - sua articulação com a história, memória, identidade e lugar -, na caracterização de um processo limiar entre particularidade e banalidade. Objetiva-se, assim, melhor compreender os processos de apropriação, práticas socioespaciais e relações de identidade decorrentes de transformações do meio urbano, o que implica questionar em que medida dimensões conceituais, contextuais e processuais constituem-se enquanto inéditas. Com o olhar para a complexidade das dinâmicas sócio-espaciais que envolvem os territórios patrimonializados de objetos específicos, propõe-se a reflexão de processos de patrimonialização tendo como referência a noção de urbanização (Muñoz) e a abordagem ontológica do espaço habitado de Peter Sloterdijk. Nesse enquadramento, considerando necessária uma reflexão sobre elementos do patrimônio, da história e da memória da cidade, este trabalho questiona condições e singularidades de processos de patrimonialização que, por um lado, levam a apropriações simplificadas de significado e, por outro, a criação de uma paisagem tematizada a partir da reprodução imagética e do consumo visual.

Palavras-chave

Processos de patrimonialização; Espaço urbano; Paisagens urbanais; Espaço habitado; Narrativas

Introdução

O presente artigo traz reflexões e propõe questionamentos a respeito da cidade e suas novas formas de manifestações, considerando formas de apropriação de seu patrimônio cultural e ressignificações destes espaços a partir de diferentes formas de intervenção. A cidade contemporânea, em suas formas de enunciação cultural e patrimonial, denota novas questões para o meio ambiente urbano de uma sociedade da instantaneidade em que a vida pública e a cultura estão fortemente relacionadas (e condicionadas) pelo consumo; em que se observa que suas práticas estão mais relacionadas a circulação do capital do que ao meio social, ao mesmo tempo em que se constata processos de privatização do espaço urbano que demandam a investigação da espacialidade do domínio público do espaço urbano.

Imersa num fluxo de múltiplos conteúdos, mesmo antes da pandemia, a cidade atual é resultado de interconexões e cruzamentos plurais entre sua matriz histórica e os desdobramentos de políticas globais. Nesse contexto, de uma cidade que parece responder a uma era de transição na qual o espaço urbano é profundamente tensionado por transformações em suas dimensões culturais, sociais, tecnológicas e políticas, observam-se processos particulares da espacialização funcional e econômica de tecidos urbanos que promovem novas e ambíguas interpretações simbólicas (ALVES, 2014).

Em um cenário em que padrões espaciais são incrementalmente submetidos a universos referenciais de um processo hegemônico global, o pensamento contemporâneo é confrontado com a tendência totalizante de preponderância do capital sobre a vida pública. Nesse processo de mundialização, que objetiva a expansão da base social necessária para o processo de acumulação, observam-se transformações significativas no espaço urbano que podem levar não apenas a instrumentalização do espaço, mas também a redução do seu valor público.

Nesse momento de múltiplas implementações de um neoliberalismo revisitado, em que a acumulação de capital moldada por fluxos globais é a lógica principal que comanda a (re)produção da cidade, agora submetida a uma nova ordem de questões de suas dinâmicas socioespaciais em função da pandemia do Covid 19, este texto propõe abordagens distintas para a análise de processos de (re)produção e transformação do espaço urbano patrimonializado, em particular em relação a culturalização de processos de patrimonialização de bens culturais materiais e imateriais que reestruturam, de forma associada, cultura, turismo, economia e sociedade, via de regra por meio de políticas públicas e intervenções urbanas representativas de lógica de acumulação flexível da produção da cidade.

Identificamos nos processos de patrimonialização um processo cultural particular de ressignificação da identidade com o lugar urbano, em que a desconstituição do caráter de seu significado cultural original se conforma pela redução de seu valor simbólico e desarticulação de seu contexto urbano. As análises realizadas neste contexto nos colocaram diante da hipótese de que processos e dinâmicas de produção do espaço urbano incidem na dimensão cultural destas áreas e na caracterização de um processo limiar entre particularidade e banalidade, que irá, em última instância, comprometer a própria identidade cultural local. Desta forma, interrogamos a relação e o papel do patrimônio na cidade contemporânea, objetivando tensionar a reflexão sobre a produção do espaço urbano e as relações entre suas espacialidades, territorialidades e sociabilidades, suas implicações e desdobramentos, sua articulação com a história, memória, identidade e lugar.

A partir da análise destas novas dinâmicas urbanas e os impactos gerados (intencionalmente) sobre o território e o patrimônio cultural, colocamos a seguinte questão: essas transformações podem levar não apenas a instrumentalização do espaço, mas também a redução de seu valor ‘público’: a (re)produção do espaço urbano de áreas centrais históricas

responde mais ao circuito mundial de produção/circulação/consumo de mercadorias ou às necessidades humanas no tempo, no espaço?

Em nossas análises, observamos dinâmicas que caminham nesse sentido e caracterizam um processo de transformação do urbano promotor do empobrecimento dos sistemas simbólicos, tematização e controle das práticas socioespaciais e retração das formas de vida coletiva e dos espaços de ação pública, formas de radicalização da transformação da estrutura urbana em mercadoria que acaba por se legitimar como um distinto sentido da urbanidade condicionado por políticas neoliberais e modelos hegemônicos de privatização do espaço urbano. Estas transformações são ainda fruto de uma lógica de acumulação flexível que reestrutura cultura, turismo, economia e sociedade, conformações espaciais condicionadas pela dinâmica do capital financeiro que estruturam e promovem, no uso e apropriação do espaço, a dissolução das relações estáveis com a geografia física e cultural do próprio espaço.

Desse modo, a partir das pesquisas realizadas, propomos estruturar a discussão a partir de um conjunto de perspectivas que questionam as diferentes instâncias do patrimônio, as transformações e diferentes forma de apropriação do espaço patrimonial pelos habitantes e por aqueles que vivenciam esse espaço. Consideram-se, para tanto, diferentes formas de ocupação do espaço, não apenas vinculadas a ideia de vigilância e controle do território em áreas patrimoniais, mas que também estruturam novas dinâmicas cotidianas e barreiras, visíveis e invisíveis, de controle da diferença social e que irão configurar interferências no aspecto público do espaço. Estas dinâmicas se revelam como disputas pelo espaço e pela memória, e configuram palco de reivindicações e resistência de manifestações culturais. Os processos de patrimonialização, portanto, não apenas problematizam uma urbanidade sem referências e sem identidade, mas também apontam contrapontos, resistências e conflitos no contexto das cidades.

Entre as inúmeras interpretações possíveis, propondo metáforas e narrativas que nos possibilitem uma diversidade de análises do espaço enquanto patrimônio cultural, a partir das relações mais próximas e fundantes, propomos metodologias de análise que, com base em referencial teórico específico, se desenvolvem a partir de chaves de leitura e narrativas cartográficas específicas diferenciadas, possibilitando um outro olhar e questionamentos distintos em relação a como são conduzidas as intervenções urbanas e arquitetônicas em áreas históricas, tanto no que tange a diretrizes e normativas de proteção quanto a conformação de uma identidade e autenticidade patrimonial e de conjunto.

Figuram como elementos importantes desses procedimentos e representações de análise: a dimensão cultural da preservação do patrimônio cultural na atualidade; a identificação, em processos de turistificação do espaço urbano, de elementos de uma lógica de (re)produção do espaço urbano condicionada por uma ideologia neoliberal de globalização econômica. Em assim sendo, consideramos fundante incorporar a essas análises uma ótica que incorpore as referências culturais do lugar, que busque observar sua diversidade social e cultural - uma ótica que busque compreender as singularidades de cada contexto, suas diversidades e manifestações socioespaciais.

Consideramos necessária uma reflexão sobre elementos do patrimônio, da história e da memória da cidade, que observe criticamente condições e singularidades de processos de patrimonialização que, por um lado, levam a apropriações simplificadas de significado e, por outro, à criação de uma paisagem tematizada a partir da reprodução imagética e do consumo visual.

Urbanização e Processo de Containerização do Espaço Urbano

Ao observarmos os processos de conformação e configuração da cidade contemporânea, em um primeiro momento, poderíamos ter a falsa ideia de que as Áreas Centrais Históricas não participam das novas dinâmicas urbanas estabelecidas. De fato, a produção do espaço urbano, as intervenções urbanas em áreas consolidadas e os processos de conformação e produção de novas espacialidades, são muitas vezes tratados de forma dissociada pelas ações de intervenção e planejamento das cidades, revelando um processo de fragmentação do tecido urbano.

Ainda assim, mesmo que muitas vezes tratadas de forma dissociada, tanto a produção do espaço urbano quanto as ações sobre áreas históricas, estão intimamente relacionadas ao esforço de promoção das cidades no mercado mundial. Observamos esta dinâmica no contexto do processo de empresariamento da produção da cidade, que se revela a partir da transformação do espaço em mercadoria.

Nesse sentido, as Áreas Centrais Históricas participam desse processo ao serem, as atividades ali exercidas, direcionadas ao setor turístico, que vincula atividades de lazer, comércio e serviços. Estas transformações ocorrem no contexto do processo de financeirização da cultura, em que os atributos particulares, reunidos sob o título de Patrimônio Cultural, são entendidos como elemento potencial à promoção das cidades no mercado mundial. Como consequência de processos globais e hegemônicos de intervenção, processos de mercantilização da cultura imprimem à cidade a adequação do Patrimônio Cultural a novos públicos e outros usos, de modo a responder a novas dinâmicas pautadas pelo consumo. Estes são fruto da articulação entre estado e iniciativa privada e da imposição de modelos de intervenção urbana que ignoram o significado do Patrimônio Cultural e os vínculos estabelecidos através das formas de sociabilidade cotidiana, assim redefinindo a cultura. Faz-se necessária, portanto, a busca por novas formas de reflexão acerca desses modelos de intervenção urbana.

É justamente esta característica do processo de configuração de novos espaços urbanos, o fato de tornarem as cidades portadoras de paisagens semelhantes, que faz do Patrimônio Cultural um elemento fundamental para a diferenciação da imagem das cidades no mercado global. Deste modo, estas áreas participam ativamente das dinâmicas urbanas contemporâneas de promoção das cidades.

Contraditoriamente, na tentativa de promover as cidades através de seus aspectos culturais locais, as Áreas Centrais Históricas acabam passando por processos semelhantes de descaracterização e perda de aspectos particulares. Isso ocorre porque estas propostas de intervenção urbana também se fazem pautadas em elementos semelhantes, muitas vezes voltados à promoção do turismo, vinculadas a processos hegemônicos de decisão quanto o que deve ser preservado e divulgado, ignorando a pluralidade característica da apropriação por diferentes grupos sociais.

As transformações observadas na composição da paisagem urbana em Áreas Centrais Históricas, a partir de intervenções pautadas nos aspectos aqui mencionados, que tomam os aspectos culturais locais como motivadores das intervenções, mas que acabam por descaracterizá-los, nos exige dar continuidade aos questionamentos já estabelecidos sobre este tema.

Para tanto, a ampliação dos marcos conceituais tradicionalmente utilizados para estudo de intervenções desta natureza, como por exemplo o termo Gentrificação, pode vir a contribuir com este processo. Desta forma, propomos o uso dos aspectos definidores da Urbanização e do Processo de Containerização do Espaço Urbano.

Ao conceituar a Urbanização, Muñoz (2008) coloca que esta diz respeito à urbanização banal do território, a partir da repetição indistinta de aspectos semelhantes em diferentes lugares, fazendo com que cidades diferentes estabeleçam referenciais similares, caracterizando as formas e funções urbanas da cidade contemporânea. A descrição do Processo de Containerização do Espaço Urbano decorre do rebatimento, para o contexto do espaço urbano, do conceito de Container, cunhado por Solà-Morales (2002, p. 96-101) para classificar equipamentos, ou conjuntos deles, que se voltam à acumulação de capital, seja ele econômico, simbólico ou cultural.

Sob esta ótica, busca-se compreender de que forma este processo, que contempla aspectos tais como o direcionamento a atividades e público específicos, sem interação com o entorno e que se desenvolvem de forma auto-referenciada, pode ser observado em Áreas Centrais Históricas que passam por processos de intervenção urbana e que, pela forma como se estruturam, também com especialização de usos e direcionamento a determinado público usuário, levam a processos de redução e comprometimento do valor simbólico local.

Consideramos que estes marcos, utilizados para descrever alguns dos aspectos das dinâmicas urbanas da cidade contemporânea, podem ser também utilizados para análise das Áreas Centrais Históricas que passam por intervenções urbanas. Esta hipótese se coloca posto que estas áreas, quando tratadas de forma dissociada do conjunto da cidade, passam a configurar, ao mesmo tempo, uma paisagem singular e homogênea. A singularidade local decorre das características particulares reunidas como Patrimônio Cultural - características arquitetônicas, urbanísticas e imateriais. O aspecto de homogeneidade, por sua vez, diz respeito ao caráter de síntese destes mesmos elementos culturais que as intervenções promovem, reduzindo significados à possibilidade do consumo.

As novas dinâmicas urbanas incentivadas pelas intervenções são direcionadas a usos específicos, como ócio, consumo e entretenimento, vinculados à promoção destas no mercado global, neste caso através do turismo. Esta atividade e a forma como a ela são associados os aspectos culturais locais, para legitimar sua implantação, se configura como a chave de inserção destes marcos conceituais como possibilidade de análise do tema proposto. Isso porque, nestas intervenções, a determinação do turismo como uso prioritário, privilegiando atividades de comércio e serviços, em detrimento sobretudo da habitação, aparece de forma clara. É esta mesma modalidade de turismo que Muñoz associa à produção de paisagens urbanas homogêneas, às quais ele dá a denominação de paisagens urbanais, que podem ser produzidas e reproduzidas independentemente do lugar e sua caracterização, alheias ao território onde estão inseridas, fruto de um processo de banalização do território.

Realizando a correlação destas análises com estudos de caso empíricos, ampliamos a discussão sobre os conceitos, selecionando para tanto os processos de intervenção aplicados ao Centro Histórico de Salvador, em diferentes momentos, o que nos permite identificar elementos que nos levam ao estabelecimento de parâmetros de análise e evidenciam a possibilidade de análise deste objeto empírico à luz dos marcos conceituais definidos, considerando que o contexto que norteia os projetos de intervenção empreendidos na área envolve as demandas relativas ao Patrimônio Cultural, quanto a sua preservação e promoção, esta última atrelada ao Turismo Cultural.

Ainda, para a definição destes parâmetros de análise, tomamos como base a identificação dos aspectos que participam da conformação do espaço urbano e que tiveram suas características e dinâmicas atingidas pelas ações de intervenção. Estes, que são espaciais, visuais, funcionais, sociais e culturais, foram classificados nas pesquisas realizadas como blocos de composição e as análises que deles decorrem englobam as ações realizadas, atores

envolvidos e as transformações provocadas, considerando-se ainda as interações entre eles e a influência de um sobre o outro.

Nesse sentido, o primeiro passo consistiu na sistematização dos dados levantados no diagnóstico das intervenções, tais como a mudança de usos, priorizando-se o direcionamento à atividade turística, ou o trabalho de restauro e conservação das edificações significativas ao Patrimônio Arquitetônico, dentre outros, classificando-os segundo os aspectos elencados. As análises consideram também diferentes momentos, que englobam desde a caracterização da área, segundo os aspectos indicados, antes do início das ações de intervenção, até as considerações sobre o quadro atual.

O segundo foi a identificação das correlações existentes, entre as ações de intervenção e os marcos conceituais, com os aspectos definidores dos blocos de composição adotados. Estas consistem na verificação da possibilidade de inserção dos marcos conceituais como instrumento auxiliar à compreensão das formas de inserção das Áreas Centrais Históricas no contexto do processo de empresariamento da cidade, a partir do reconhecimento do Patrimônio Cultural como forma de diferenciação no mercado global via Turismo Cultural.

Observa-se que no Centro Histórico de Salvador estes aspectos podem ser percebidos nas diferentes fases de atuação sobre o território (7 etapas, indicada na figura 1 abaixo), considerando desde as fases iniciais da intervenção, ainda nos anos 1990, até suas reformulações e revisões ocorridas a partir de 2007.

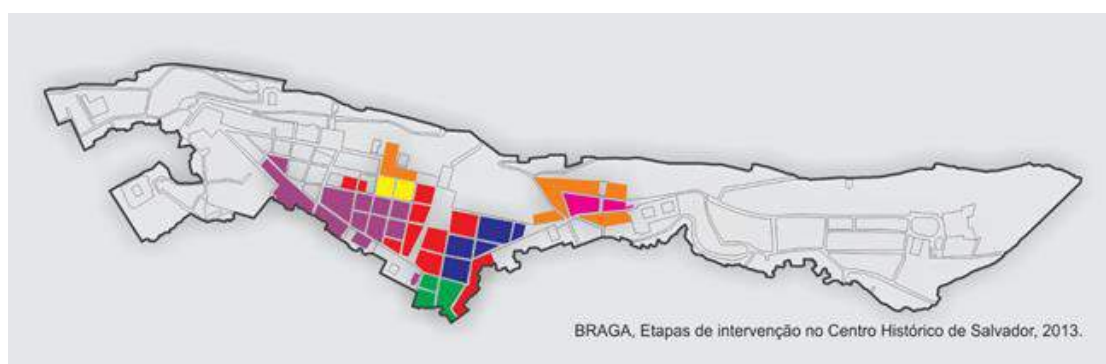


Figura 1. Centro Histórico de Salvador - Etapas de intervenção

A primeira correlação estabelecida diz respeito aos aspectos espaciais, visto que um dos elementos fundamentais ao início das ações de intervenção consiste na definição do perímetro que delimita a área de atuação. É dentro desta porção restrita do território que as alterações promovidas pelas intervenções ocorrerão de forma mais incisiva, revelando alterações significativas nos aspectos que aqui selecionamos para análise.

O perímetro de intervenção seleciona e delimita um fragmento do espaço urbano para aplicação das demais ações de intervenção. Em conjunto, estas irão reforçar a visão do território de forma dissociada do contexto no qual está inserido, processo este reforçado pelas alterações nos aspectos visuais, que contribuirão para a diferenciação da área em relação ao entorno, através do tratamento concedido às edificações e espaços públicos.

No que diz respeito às edificações, podemos destacar a realização de atividades de restauro e conservação, para preservação das feições arquitetônicas externas, bem como adaptações nos espaços internos para atender novos usos. Quanto aos espaços públicos, estes também passam por ações de recuperação que, em conjunto com o Patrimônio Arquitetônico,

contribuirão para a distinção do conjunto, já delimitado pelos aspectos espaciais, em relação ao entorno.

Nesse sentido, duas análises importantes se destacam. A primeira delas diz respeito às questões relativas ao Patrimônio Cultural em suas diferentes dimensões que, nestes casos, são tratadas de forma desvinculada, comprometendo sua representatividade. Esta é uma relação contraditória, posto que é justamente o caráter particular do Patrimônio Cultural que o torna elemento chave à diferenciação para participação no mercado mundial de cidades.

Considerando os aspectos espaciais e visuais e seu rebatimento sobre os aspectos culturais, temos que as ações de intervenção estão atreladas à recuperação da estrutura física e à reafirmação de valor singular da área preservada através do Patrimônio Arquitetônico. A finalidade observada diz respeito à reconfiguração do espaço urbano em prol do mercado imobiliário e turístico, sobretudo, cujo desejo é despertar o interesse da iniciativa privada e do visitante, destacando a imagem de cidade que se deseja vender aos novos receptores. A identidade será reinterpretada e reconstruída porque o direcionamento das ações ao patrimônio construído, ainda que fundamental, pela representatividade arquitetônica que encerra, sendo um importante elemento de caracterização das áreas históricas, ignora outros elementos fundamentais, o Patrimônio Imaterial e as vivências e formas de apropriação cotidianas da população local, também fundamentais à Identidade Cultural das áreas históricas.

A segunda análise diz respeito ao contraste criado entre o perímetro de intervenção e o entorno não recuperado. Ainda que as intervenções tenham por intenção o desdobramento das ações para áreas adjacentes, funcionando como incentivo e vetor de indução a alterações no entorno, isso de fato pouco ocorre. Dessa forma, reforça-se a diferenciação entre estas porções do território, contribuindo para acentuar a visão fragmentada e dissociada da área de intervenção em relação ao entorno e às dinâmicas urbanas da cidade. Este processo de fragmentação do território imprime ao espaço urbano fronteiras, que contribuem para reforçar a distinção entre setores, quebrando a noção de continuidade do espaço urbano. Estas fronteiras, cuja identificação será ainda reforçada pela diferenciação em relação a outros aspectos, funcionais e sociais, no entanto, não são necessariamente físicas e sim simbólicas.

Ao observarmos o foco de atuação do Programa de Recuperação do Centro Histórico de Salvador, identificamos o direcionamento das ações de intervenção, nas seis primeiras etapas, a uma porção restrita dentro da poligonal de tombamento. Esta delimitação, marcada fundamentalmente pelos espaços públicos Terreiro de Jesus, Cruzeiro de São Francisco e Largo do Pelourinho, associada à recuperação dos principais monumentos, propiciou a distinção deste setor em relação ao entorno, ainda degradado, adquirindo a característica de fragmento urbano. Este mecanismo de intervenção, que deu destaque a um setor restrito do Centro Histórico, reforçado pelos aspectos espaciais e visuais, passou a ser bastante questionado, sendo este caráter restritivo um dos elementos contemplados quando da revisão do projeto, a partir do Plano de Reabilitação.

Ainda assim, essa ampliação da área de intervenção não deve ser entendida como uma forma de garantia de integração da área ao conjunto da cidade, como se pretende, posto que ela prescinde de mudanças quanto à forma de atuação em relação aos outros aspectos para que possa ocorrer plenamente. Nesse sentido, o processo de segregação socioespacial observado na área, permanece como elemento definidor das formas de intervir aplicadas a Salvador. Este processo de segregação se explicita, quanto aos aspectos espaciais, pela delimitação dos espaços destinados aos diferentes usos e, portanto, usuários, marcando a distinção entre a área turística e a área habitacional, uso agora englobado pela proposta.

Esta é ainda reforçada pelos aspectos visuais, evidentes através da diferenciação entre a conservação das edificações e espaços públicos da área turística, constantemente em processo de manutenção, e a área destinada à população remanescente. Esta última é marcada pela menor qualidade da recuperação das habitações, a ainda existência de imóveis em estado de ruínas e a ausência de espaços públicos de convívio. Reforça-se, assim, o contraste entre estes diferentes setores dentro do contexto do Centro Histórico, que deveria representar uma paisagem urbana única, e não fragmentada. Ainda, para evitar interferências indesejadas, observa-se um processo de controle do território, através dos elementos segurança e vigilância, representados pelo policiamento presente nos principais pontos de acesso do perímetro turístico. As fronteiras, ainda que simbólicas, ficam, deste modo, concretizadas no território.

A análise das intervenções empreendidas no Centro Histórico de Salvador nos indica que as alterações empreendidas em cada aspecto identificado, a partir das intervenções, ocorrem de forma articulada. Estas interações, por sua vez, desencadeiam em interferências significativas em relação aos aspectos culturais, aspecto este envolvido em todo o processo de intervenção e nas consequentes transformações que este imprime ao espaço urbano.

Verifica-se, com a estrutura metodológica de análise criada, semelhanças entre os elementos norteadores das intervenções, e as consequências que deles decorrem, com os elementos que caracterizam a Urbanização e o Processo de Containerização do Espaço Urbano. Da desarticulação entre as formas de intervir e os instrumentos de preservação dos aspectos culturais, observa-se, nas Áreas Centrais Históricas, aspectos da Urbanização e do Processo de Containerização do Espaço Urbano.

Ainda, a seleção de um estudo de caso inserido na realidade brasileira contribui à compreensão da forma como estes processos de financeirização da cultura afetam de forma significativa as identidades culturais locais historicamente constituídas, fazendo com que também nossas paisagens particulares participem deste mesmo processo de banalização do espaço urbano através da mercantilização da cultura. A partir do momento em que a cultura é reconstruída e simplificada, questiona-se qual é a imagem de cidade que se deseja preservar.

Esferas patrimoniais

Como colocado anteriormente, o modelo neoliberal vinculado à produção da cidade entende a cultura como um recurso a ser explorado. Nesta perspectiva, podemos relacionar ao trabalho dos autores Chander e Pace (2020), que tecem uma crítica frente a visão do patrimônio cultural como um recurso econômico, usado tanto para fomentar a indústria do turismo como transformações urbanas significativas que são apropriadas pelo mercado imobiliário. Assim, percebemos que o processo de patrimonialização implica em alterações e manipulações de valores na medida que interfere nas categorias social, cultural e econômica.

A produção do patrimônio cultural entendido como um fenômeno global, não neutro, condicionado por posições culturais e políticas, pode se constituir enquanto um mecanismo que produz processos de gentrificação sob o slogan da preservação do patrimônio e da memória coletiva. Esse breve panorama ilumina um processo complexo onde o patrimônio cultural é entendido enquanto processo e recurso, e, sua redefinição está associada aos agentes do mercado imobiliário e do turismo, que consideram apenas seus interesses em detrimento de uma visão do patrimônio cultural enquanto um direito comum a salvaguarda da história e memória coletivas. Outro ponto que podemos destacar no que tange ao patrimônio no contexto contemporâneo está relacionado a duas características atreladas a racionalidade neoliberal do uso e do consumo, onde as estratégias de comunicação não

respondem aos ideais de memória e identidade. A patrimonialização se apropriou dos símbolos relativos à arquitetura, à paisagem urbana, enquanto paulatinamente tem se vinculado às operações de marketing. (CHANDLER; PACE, 2020)

Considerando a tríade de valores - cultural, social e econômico - atrelados ao patrimônio cultural, desenvolvemos uma segunda chave de leitura condicionada à construção do espaço patrimonializado, que permite uma mirada múltipla sobre os pontos fundantes e transformadores deste espaço. Neste panorama, buscamos formas de analisar esses complexos cenários, onde a patrimonialização é usada como elemento de manipulação da cultura para sua exploração econômica. Assim, uma chave de leitura proposta se apoia na aproximação com ramo da filosofia para a compreensão dos diferentes momentos que permeiam a produção do patrimônio cultural.

Para tanto, propomos uma análise pautada na construção de esferas patrimoniais⁴⁰. Esta abordagem tem como referência a produção teórica do filósofo alemão Peter Sloterdijk (2003, 2004, 2006), que desenvolve na sua obra mais emblemática, a trilogia Esferas, uma abordagem ontológica do espaço. Neste trabalho, o autor parte da concepção do espaço enquanto elemento imunológico, ao usar as “Bolhas” para definir tal momento. Sloterdijk (2003) ressalta que o momento da constituição do espaço das bolhas corresponde às relações mais próximas, aquelas fundantes que, portanto, representam a construção de uma identidade. A cultura tende a tornar aquilo que é exterior em familiar, é neste sentido que percebemos a possibilidade de correlacionar a teoria de Sloterdijk com o debate acerca do patrimônio. Associamos o uso dos termos enquanto metáforas representativas dos momentos da patrimonialização.

Como forma de exemplificar tal metodologia de análise iremos nos aproximar do território de Ouro Preto, considerando sua importância pioneira no processo de preservação no Brasil. O momento “Bolhas” de Ouro Preto está atrelado às primeiras ocupações relacionadas à exploração do ouro, à soberania da Igreja Católica e às edificações coloniais de influência barroca. Havia neste momento um ideal de unidade do território, no qual a transformação do desconhecido em familiar pela cultura e o contexto interno das relações espaciais constituem um espaço imunológico.

A partir do momento em que as bolhas começam a expandir, há a constituição de uma rede de relações não mais com o dentro, mas pela aproximação ou inserção de elementos exteriores, temos então a metáfora dos “Globos”. Formas esféricas que contemplam uma diversidade maior de categorias. Analisar a partir da ótica dos “Globos” é considerar que não há mais o dentro, mas apenas a superfície. Aqui podemos relacionar as diferentes temporalidades, no caso de Ouro Preto, a ampliação das redes de relação da colônia, a degradação arquitetônica em consequência dos processos de modernização e alterações nos modos de vida, bem como os processos de patrimonialização. Algumas bolhas ainda permanecem, setores extremamente conservadores que ainda acreditam em uma unidade tanto religiosa, arquitetônica quanto social. Porém, o território e seus fluxos se ampliam, mesmo em uma ambiência de bolha há uma experiência coletiva na medida em que os conflitos são colocados no território e as disputas se acirram.

O olhar a partir do contexto contemporâneo abre uma nova chave de leitura, a metáfora das “Espumas”. Neste contexto o espaço patrimonializado é fragmentado, não há uma visão de todo e os conflitos atingem uma escala planetária, pois não há mais uma delimitação do interior. No contexto das “Espumas” os deslocamentos são realizados por meio de bolhas, pequenas ou grandes. Neste sentido, o homem que terá que construir suas estruturas de imunidade, ou seja, suas redes de relação, identidade e pertencimento. Analisar o território

⁴⁰ A noção de Esferas Patrimoniais construída a partir da aproximação com a obra de Peter Sloterdijk está sendo desenvolvida na tese de doutorado de Camila Ferreira Guimarães sob a orientação do Prof. Manoel Rodrigues Lopes no IAU-USP.

patrimonializado a partir desta perspectiva, significa considerar um processo de expansão que integra aspectos materiais e imateriais de forma a construir uma experiência complexa, descentrada e desarticulada. Tal território é composto por multiplicidades espaciais autorreferenciadas que não se relacionam com a exterioridade vizinha. Portanto, há a necessidade de se construir uma noção de cultura, na qual a patrimonialização alimenta a lógica de fabricação do patrimônio atrelado a interesses específicos.

A Figura 2 corresponde a uma cartografia crítica que ilustra conflitos gerados pela patrimonialização em Ouro Preto. O polígono vermelho corresponde à área tombada e de maior interesse turístico, a envoltória do tombamento (*buffer zone*) é delimitada pela cor laranja, entre esses territórios percebemos uma disputa pelo espaço em consequência das políticas de preservação aplicadas aliadas ao processo de turistificação do centro histórico. Assim, as manifestações tradicionais da população como o Congado, representado na cartografia, resistem entre a periferia e a construção de um imaginário voltado para a indústria do turismo. A constituição de pequenos grupos que lutam por seu espaço e reconhecimento alimenta a noção das vizinhanças autorreferenciadas que não se relacionam, enfatizando um processo de segregação cultural e socioespacial.

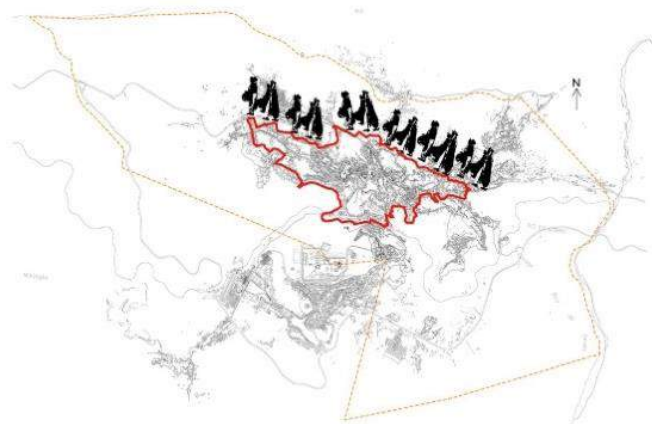


Figura 2. Cartografia do Sensível. Relação do Centro Histórico e prática cultural religiosa do Congado.

Fonte: Cartografia de Camila Guimarães (2020) sobre mapa base fornecido pelo Departamento de Patrimônio da Prefeitura de Ouro Preto, 2018.

Analisar o processo de patrimonialização de Ouro Preto sob essa ótica é considerar as consequências da patrimonialização global, a segregação socioespacial, a disputa pelas áreas valorizadas, os apagamentos frente aos territórios negros, a construção de uma imagem apropriada pela indústria do turismo, as resistências sociais como os grupos de ocupação e direito à moradia. É, portanto, compreender os diferentes grupos que formam esse território, que não coexistem de fato, embora transitem no mesmo espaço. Enfim, analisar o patrimônio cultural enquanto o contexto das "Espumas" significa romper com a visão utópica da preservação e assumir a relação sobreposta da memória e do esquecimento, como elementos complementares e manipulados pela lógica contemporânea de produção da cidade.

Considerações finais

Observa-se que o escopo público do espaço urbano se confronta com um modelo sócio-técnico do capital determinado por um modelo hegemônico global. Nesse contexto constatamos, por um lado, que novas formas de expressão cultural correlacionam-se a novos campos de investigação do espaço urbano, de suas estruturas e, por outro, ao mesmo tempo, processos de redução da vida pública e de questionamento a ideia de cidade enquanto um produto social representativo de valores históricos e dotado de singularidades de uma cultura simbólica local.

Em relação aos processos de patrimonialização e intervenções em áreas centrais essas manifestações fazem pensar, em um extremo, no fim do espaço urbano enquanto representativo de uma identidade cultural – em suas atribuições de civilidade e sociabilidade – e, em outro, nos desdobramentos de sinergias de estados híbridos de situações urbanas hoje detectáveis, em uma cidade emergente e difusa, entremeada em textualidades inéditas, que requerem outras leituras e (re)significações. Figuram como elementos importantes desses procedimentos e representações de análise a dimensão cultural da preservação do patrimônio cultural na atualidade, a identificação, em processos de turistificação do urbano, de elementos de lógica de (re)produção do espaço condicionada por uma ideologia neoliberal de globalização

Consideramos fundante incorporar a essas análises uma ótica que incorpore as referências culturais do lugar, que busque observar sua diversidade social e cultural - uma ótica que busque compreender as singularidades de cada contexto, suas diversidades e manifestações socioespaciais. Para tanto, procuramos apresentar abordagens e estratégias de análise e representação que possam possibilitar a construção de formas sociais urbanas, argumentando pela necessidade de repensar a forma como concebemos processos e intervenções patrimoniais, visto que os procedimentos de análise, interpretação e representação propostos propiciam também um outro olhar e questionamentos distintos em relação a como são conduzidas as intervenções urbanas e arquitetônicas em áreas históricas, tanto no que tange a diretrizes e normativas de proteção quanto a conformação de uma identidade e autenticidade patrimonial e de conjunto.

Argumentamos que aspectos representativos de processos hegemônicos de (re)produção do espaço urbano, em que as transformações atrelam-se a implementação de uma ideia tematizada de patrimônio e a dimensão cultural se configura uma condição de mercadoria, implicam a caracterização de um outro processo: de assimilação, de supressão de conflitos e disputas.

Argumentamos que a intersecção entre fluxos temporais e culturais, do passado e do presente, deve ir além da (re)produção de paradigmas globais de configurações urbanas tematizadas.

Argumentamos que construções teóricas do espaço urbano (público ou de domínio público), em particular em áreas submetidas aos atuais processos de patrimonialização, devem ser representativas não de um espaço urbano de todos-os-lugares-de-lugar-nenhum tematizado, deve ter por princípio construir e promover valores da vida pública e das práticas socioespaciais, que entremeiem dimensões e lidem com porosidades

Por fim, argumentamos que a investigação dos processos de produção e reprodução do espaço urbano, aos quais os processos de patrimonialização se integram, uma vez que conformados pela mesma lógica, ilumina questões da democracia e da alteridade?

Referências

ALVES, Manoel.R. **Transformações culturais e contradições do espaço público contemporâneo**. Cidades. São Paulo, v.11, num.19, 2014, p. 470-497.

CHANDLER, Alan; PACE, Michela. **The Production of Heritage: The Politicisation of Architectural Conservation**. New York: Routledge, 2020.

MUÑOZ, Francesc. **Urbanalización. Paisajes comunes, lugares globales**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I: burbujas**. Madrid: Ediciones Siruela, 2003.

_____. **Esferas II: globos**. Madrid: Ediciones Siruela, 2004.

_____. **Esferas III: espumas**. Madrid: Ediciones Siruela, 2006.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. **Territórios**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.